

## "A preocupação da Alemanha pela “paz” vaticana com os lefebvrianos"

Artigo de [Vatican Insider](#)

Publicada em português pela [Unisinos](#)

Comentários *Lucia Zucchi*

Onde fica a separação do Estado e da Igreja? Só vale para a orientação que a Igreja pode e deve dar à vida moral e religiosa da sociedade? Quando o Estado não está satisfeito com medidas internas da Igreja, manda legados para "pedir explicações" às autoridades vaticanas?

E o rabino asquenazi que acha "normal que todos os líderes da **Igreja católica** respeitem as decisões do Vaticano"? Que tem ele com isso, *Dio mio*?

Mas, olhe que "uma chamada de atenção deste tipo já havia sido feita pelos rabinos europeus e pela estadunidense **Anti-Defamation League**". Ah, bom!

Com isso já temos Pilatos e Caifás interessados no assunto...

Curiosíssimo também é a super libertaria *Unisinos* publicar essas absurdas interferências na vida da Igreja sem nenhum protesto!

[caption id="attachment\_11414" align="aligncenter" width="300" caption="Vice presidente do Parlamento Alemão preocupado com problemas da Igreja"]



[/caption]

### A preocupação da Alemanha pela “paz” vaticana com os lefebvrianos

Se for alcançada, a reconciliação ainda demorará algumas semanas, mas as chancelarias

européias estão se movendo para obter garantias da **Santa Sé** em relação às possíveis consequências do retorno, em plena comunhão com a **Igreja católica**, da lefebvriana **Fraternidade Sacerdotal de São Pio X**.

A reportagem é de **Alessandro Speciale**, publicada no sítio **Vatican Insider**, 15-05-2012. A tradução é do **Cepat**.

Preocupa, sobretudo, o futuro do diálogo católico com os judeus, cujas raízes estão no documento do **Concílio Vaticano II, Nostra Aetate**, rejeitado – como outras inovações do **Concílio** – pelos tradicionalistas lefebvrianos.

Por outro lado, os membros da **Fraternidade**, que nunca esconderam seu ceticismo para o reconhecimento do papel único dos judeus, por parte da teologia católica nos últimos 50 anos, tem afirmado diversas vezes a necessidade de também converter os “irmãos maiores” e em alguns de seus escritos – ultimamente, como de costume, dom **Richard Williamson** – faz ressoar a acusação de deicídio, que durante séculos “justificou” o antissemitismo e as perseguições cristãs contra os judeus.

Já na ocasião da revogação da excomunhão dos quatro prelados tradicionalistas – que coincidiu de maneira fortuita com a transmissão de um documentário sueco, em que **Williamson** repetia suas bem conhecidas teses negacionistas e antissemitas – os governos da Alemanha, Irlanda e França, para citar alguns, pediram garantias do Vaticano, enquanto o parlamento belga chegou a aprovar uma moção oficial.

Desta vez, os primeiros a se movimentarem foram os estados alemães. O vice-presidente de Bundestag, **Wolfgang Thierse**, católico do **SPD** e membro do **Zentralkomitee der deutschen Katholiken** (o comitê central de católicos alemães, que reúne os leigos do país), passou quatro dias em Roma para se reunir com diversos representantes da cúpula da **Santa Sé**, começando pelo cardeal **Kurt Koch**, presidente da Comissão Vaticana para as relações com o judaísmo.

Ele explicou, numa entrevista aos meios de comunicação alemães, que voltou “tranquilizado”. “Na Alemanha – disse na rádio do arcebispado de Colônia – existe rumores de que o Vaticano “cedeu” aos lefebvrianos, mas o cardeal me garantiu que não é isso. Ele explicou que a **Fraternidade de São Pio X** precisa reconhecer a autoridade do **Magistério** e do **Concílio Vaticano II**. E em relação a dois pontos sensíveis, a relação com os judeus e o reconhecimento da liberdade religiosa, não existe nenhuma vacilação, nem reticências da parte do Vaticano”.

**Koch** tem sublinhado que o Vaticano, em nível mundial, não pode lutar pelos direitos do homem e pela liberdade religiosa e, em seguida, “acolher um grupo que ainda faz da liberdade religiosa o centro de uma disputa”. “São temas essenciais, sobre os quais não se cederá”, concluiu.

Apesar dessas garantias, o mundo judeu parece continuar preocupado com a possível reconciliação. Na semana passada, o rabino chefe asquenazi de Israel, **Yona Metzger**, destacou que o Vaticano não deveria concluir nenhum acordo, enquanto os prelados

lefebvrianos “não mudarem de ideia” a respeito do documento **Nostra Aetate** e da relação com os judeus. “Parece-me normal – disse – que todos os líderes da **Igreja católica** respeitem as decisões do Vaticano”. Há alguns meses, uma chamada de atenção deste tipo já havia sido feita pelos rabinos europeus e pela estadunidense **Anti-Defamation League**.

Uma vez que a longa saga de aproximação com os tradicionalistas está chegando ao seu ato final, talvez não seja casual que o papa **Bento XVI**, na última quinta-feira, quisesse reafirmar o valor da encíclica conciliar, diante de um grupo de judeus latino-americanos. Graças ao **Concílio**, disse, os “irmãos maiores” se converteram em “interlocutores confiáveis e amigos, inclusive bons amigos, capazes de enfrentar, juntos, a crise e de superar os conflitos de maneira positiva”.